


## RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 15/05/2019.

**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara – SP**

RAFAEL DA ROCHA MASSUIA

**CRÍTICA LITERÁRIA, MARXISMO E INTERPRETAÇÃO DO  
BRASIL: um estudo a partir dos pensamentos de Roberto Schwarz e  
Carlos Nelson Coutinho**



ARARAQUARA – S.P.  
2017

RAFAEL DA ROCHA MASSUIA

**CRÍTICA LITERÁRIA, MARXISMO E INTERPRETAÇÃO DO  
BRASIL: um estudo a partir dos pensamentos de Roberto Schwarz e  
Carlos Nelson Coutinho**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Cultura, Democracia e Pensamento Social

**Orientador:** Prof. Dr. José Antonio Segatto

**Bolsa:** Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

ARARAQUARA – S.P.  
2017

Massuia, Rafael da Rocha  
Crítica literária, marxismo e interpretação do  
Brasil: um estudo a partir dos pensamentos de  
Roberto Schwarz e Carlos Nelson Coutinho / Rafael da  
Rocha Massuia – 2017  
163 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) –  
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus  
Araraquara)

Orientador: José Antonio Segatto

1. Roberto Schwarz. 2. Carlos Nelson Coutinho. 3.  
marxismo. 4. teoria social. 5. literatura. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

RAFAEL DA ROCHA MASSUIA

**CRÍTICA LITERÁRIA, MARXISMO E INTERPRETAÇÃO DO  
BRASIL: um estudo dos pensamentos de Roberto Schwarz e Carlos  
Nelson Coutinho**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

**Linha de pesquisa:** Cultura, Democracia e Pensamento Social

**Orientador:** Prof. Dr. José Antonio Segatto

**Bolsa:** Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Data da defesa: 15/05/2017

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. José Antonio Segatto  
Unesp – Araraquara

---

**Membro Titular:** Profa. Dra. Maria Célia de Moraes Leonel  
Unesp – Araraquara

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Júlio César Bastoni da Silva  
UFSCar – São Carlos

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Cláercio Ivan Schneider  
Unioeste – Marechal Cândido Rondon

---

**Membro Titular:** Prof. Dr. Milton Lahuerta  
Unesp – Araraquara

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Às tias Conta (In Memoriam) e Neta,  
base e fundamento de um ciclo.  
Aos meus pais,  
pelo carinho e confiança.  
À Carolina,  
para novos caminhos.*

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, o Prof. Dr. José Antonio Segatto, pela contribuição, paciência e liberdade dadas, fundamentais, para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores Maria Célia, Júlio César, Cláercio e Milton Lahuerta, que gentilmente aceitaram o convite de participar da banca, pelas críticas e observações incisivas e por ajudarem a apontar caminhos para superar os problemas encontrados, em busca do aperfeiçoamento do presente trabalho.

Aos colegas e alunos do colegiado de Ciências Humanas da UFMA de São Bernardo, pela experiência compartilhada de amadurecimento.

Aos colegas do Departamento de História da Unicentro, campus de Irati, pela compreensão, apoio e estímulo de seguir em frente, independente dos desafios e dificuldades do dia a dia. Agradeço, também, aos meus alunos e alunas, por me incitarem a buscar o aperfeiçoamento constante.

Aos professores e professoras que pavimentaram minha formação. Dos professores de graduação da UEM, Walter Praxedes, Pedro Jorge, Antonio Ozaí, Eide Abreu, Nilson Yamauti, Maria de Anunciação, Simone Dourado, entre outros e também aos professores de pós-graduação da Unesp/Araraquara, Maria Orlanda Pinassi, Carlos Gileno, entre outros.

Aos amigos e amigas que contribuíram, direta ou indiretamente, nas muitas discussões que fundamentam o necessário acúmulo coletivo. Destaco aqueles que a memória permite recordar: Otávio Calegari, Leandro Paschoalotte, Luís Alexandre, Rodolfo Sanches, Gustavo Corral, André Gerônimo, João Vicente, Vivian Gombi, Rodrigo Belli, Patrícia Almeida, Maurício Gonçalves, entre outros.

Aos meus familiares, pelo inestimável apoio, mesmo nos momentos de maior instabilidade e incertezas.

À minha companheira, Carolina, pela incalculável ajuda, das revisões, sugestões, enfim, pelo imensurável companheirismo.

Aos funcionários da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, pela solicitude e paciência costumeiras.

A presente pesquisa contou com o fundamental apoio da CAPES.

*“O que é substancialmente igual e invariável no ‘capitalismo moderno’ não nos deve levar a equívocos fatais. Não basta afastar o modelo ‘normal’ ou ‘clássico’ nas interpretações da formação do desenvolvimento do capitalismo na América Latina [...]. É preciso colocar em seu lugar o modelo concreto do capitalismo que irrompeu e vingou na América Latina, o qual lança suas raízes na crise do antigo sistema colonial e extrai seus dinamismos organizatórios e evolutivos, simultaneamente, da incorporação econômica, tecnológica e institucional a sucessivas nações capitalistas hegemônicas e do crescimento interno de uma economia de mercado capitalista. Esse modelo reproduz as formas de apropriação e de expropriação inerentes ao capitalismo moderno [...]. Mas, possui um componente adicional específico e típico: a acumulação de capital institucionaliza-se para promover a expansão concomitante dos núcleos hegemônicos externos e internos [...].”*

(Florestan Fernandes)



## RESUMO

O presente trabalho realiza uma análise da atuação crítica literária, situada no campo do marxismo, de Roberto Schwarz e Carlos Nelson Coutinho. Os referidos autores tratam de importantes escritores brasileiros e, ao fazerem-no, elaboram concepções originais sobre o processo de formação e desenvolvimento da sociedade brasileira. Schwarz, analisando a obra de Machado de Assis, descobre o mecanismo privilegiado a partir do qual o escritor fluminense constrói sua obra madura, por meio do tratamento satírico do descompasso existente entre as elites brasileiras e sua incorporação contingencial do pensamento burguês europeu. Coutinho, estudando a obra de Lima Barreto e Graciliano Ramos, demonstra como esses escritores dialogam ativamente com seu contexto social, fornecendo ao leitor uma compreensão crítica e profunda da sociedade – marca de todo grande escritor. A fortuna crítica de Coutinho e Schwarz pressupõe um aprofundamento na realidade social brasileira – a partir de diferentes enfoques, num rico e contínuo debate com a teoria social marxista –, que objetivamos reconstruir os pontos centrais, destacando as possibilidades interpretativas que se abrem a partir de seus trabalhos para, por fim, pensarmos, para além de favoritismos teóricos, um necessário diálogo entre as duas teorias.

**Palavras-chave:** Roberto Schwarz; Carlos Nelson Coutinho; marxismo; teoria social; literatura.

## ABSTRACT

The present work performs an analysis of the literary critic activity, grounded in the Marxist field, of Roberto Schwarz and Carlos Nelson Coutinho. These authors deal with important Brazilian writers and, in doing so, elaborate original conceptions about the formation and development process of the Brazilian society. Schwarz, analyzing the work of Machado de Assis, discovers the privileged mechanism from which the writer from Rio de Janeiro constructs his mature work, through the satirical treatment of the mismatch between the Brazilian elites and their contingent incorporation of the European bourgeois thought. Coutinho, studying the work of Lima Barreto and Graciliano Ramos, demonstrates how these writers actively dialogue with their social context, providing the reader with a critical and profound comprehension of the society – mark of every great writer. The critical fortune of Coutinho and Schwarz presupposes a deepening on the Brazilian social reality – from different approaches, in a rich and continuous debate with the Marxist social theory –, that we aimed to reconstruct the central points, highlighting the interpretative possibilities that present themselves from their work to think, finally, beyond any theoretical favoritism, a necessary dialogue between the two theories.

**Key-words:** Roberto Schwarz; Carlos Nelson Coutinho; marxism; social theory; literature.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>1. MARXISMO E CULTURA</b>	16
1.1. Marxismo e cultura contra a 3ª Internacional	17
1.2. Dois momentos da articulação entre marxismo e cultura no Brasil	19
1.2.1. Gênese do marxismo acadêmico	20
1.2.2. Marxismo renovador e tradição pecebista	32
1.3. A questão da <i>mimesis</i>	41
<b>2. MODERNIDADE PERIFÉRICA E LITERATURA EM ROBERTO SCHWARZ</b>	44
2.1 Sociedade e ideologia no Brasil Império	44
2.2 Formação da literatura e criação de uma tradição	50
2.3 O primeiro Machado e a formação do romance brasileiro	60
2.4 Brás Cubas como alegoria do Brasil	92
<b>3. MODERNIZAÇÃO CONVERSADORA E LITERATURA EM CARLOS NELSON COUTINHO</b>	105
3.1. Problemas da modernização conservadora	106
3.2. O realismo de Lima Barreto	117
3.3. Graciliano Ramos: realismo e humanismo	126
3.4. Jorge Amado e o nacional-popular	143
<b>4. PECULIARIDADE DA SOCIEDADE BRASILEIRA</b>	147
4.1. Crítica literária e marxismo	147
4.2. Teoria social e marxismo	150
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	156
<b>REFERÊNCIAS</b>	159

## INTRODUÇÃO

A ideia, ou plano geral, do presente trabalho consiste em realizar um estudo comparativo das teorias de interpretação da literatura e da sociedade brasileiras desenvolvidas pelos pensadores marxistas Roberto Schwarz e Carlos Nelson Coutinho. Dito de outra maneira, este trabalho busca compreender **de que forma a atuação crítica literária marxista de Schwarz e Coutinho, ao abordar a literatura brasileira, possibilita (ou demanda, por exigência teórico-metodológica da vertente em que se embasam) interpretações sobre processo sócio-histórico brasileiro?**

Esse plano geral de pesquisa existe desde pelo menos o período que imediatamente antecede o início de nossa pesquisa de mestrado. No decorrer do desenvolvimento da referida pesquisa, porém, constatou-se que a limitação temporal não permitiria o desenvolvimento de uma análise satisfatória e optou-se pelo foco na tradição intelectual que se desenvolveu ao redor do PCB e que tem em Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder dois de seus principais representantes, tomando a recepção das ideias estético-literárias de György Lukács nos dois autores como fio condutor daquela pesquisa (MASSUIA, 2013).

Já no doutorado, a ideia original foi retomada e colocada à prova. O ponto de partida era uma espécie de intuição de que o fato de as reflexões formuladas por Coutinho e Schwarz partirem de uma referência intelectual comum, o marxismo (em específico, dos desdobramentos heterodoxos que se desenvolvem no interior do marxismo, em oposição ao marxismo-leninismo da 3ª Internacional, que Perry Anderson denominou marxismo ocidental – questão a que voltaremos), e alcançarem resultados distintos e, aparentemente, irreconciliáveis, evidenciavam uma situação no mínimo curiosa e que, por isso mesmo, valia possivelmente o esforço intelectual de insistir no cotejamento teórico.

Sobre o estudo comparativo dos dois autores, enfim, partíamos já de algumas impressões a que se somaram outras. Mas a ideia que começou a tomar forma era a da necessidade de superar, por um lado, a incapacidade da teoria do realismo de Lukács de apreender as importantes determinações postas pelo modernismo (menos pelo pós-modernismo) e, por outro, a limitação da teoria arte de Adorno para analisar as obras mais próximas à ideia do realismo clássico. E começamos a visualizar possibilidades inesperadas e que excediam o escopo da proposta de pesquisa, de Coutinho e Schwarz poderem servir como peças-chave no sentido de apontarem caminhos para a superação destas duas limitações estruturais subjacentes às teorias de Lukács e Adorno. Voltaremos a essa polêmica questão.

Para tanto, pretendemos ir além da teorização autorreflexiva – talvez uma das maiores dificuldades a se superar numa pesquisa acadêmica hoje – que, por buscar incorporar somente as referências costumeiras de seus intérpretes favoritos, não consegue vislumbrar e apontar elementos para um horizonte teórico e agenda prática em comum. O diferencial deste trabalho, em seus possíveis acertos e desacertos, é que ele pretende caminhar em direção a uma tentativa de síntese (articulada e não-mecânica) entre essas ricas teorias e interpretações sobre a literatura e realidade nacionais. O que já estabelece num patamar diminuído a alegada originalidade do presente trabalho, ciente de limitações e satisfeito de empenhar o modesto papel de apontar caminhos que por certo outros mais competentes poderão trilhar com maior desenvoltura.

Primeiramente, porém, cabe justificar a escolha de Roberto Schwarz e Carlos Nelson Coutinho, dentre outros recortes possíveis de ser adotados por essa pesquisa. No caso de Coutinho, acreditamos ser ele o mais emblemático pensador brasileiro a valer-se intensamente das ideias e conceitos de Lukács (que, por sua vez, estava em constante diálogo com as ideias e concepções de Lenin) e, posteriormente, de Gramsci, para entendimento do desenvolvimento da literatura e da sociedade no Brasil e, a partir das referidas referências, ter produzido reflexão incisiva e original. Uma menção honrosa a Leandro Konder também merece ser feita, ainda que seu escopo temático mais amplo não tenha permitido um desenvolvimento teórico dentro desse campo como o realizado por Coutinho. Ambos provém de um grupo de militantes políticos vinculados ao PCB e que se embasavam, no plano teórica, nas ideias de Lukács e que chegaram a produzir um livro conjunto, *Realismo e anti-realismo na literatura brasileira* (COUTINHO et al, 1974). A referida obra conta, ainda, com textos de Gilvan P. Ribeiro, José Paulo Netto e Luiz Sérgio Henriques (que acabaram se distanciando mais rapidamente da crítica literária lukacsiana) e cuja posição de destaque coube mesmo a Konder e, sobretudo, Coutinho.

Já no caso de Roberto Schwarz a escolha se dá pela reconhecida contribuição ao debate da literatura brasileira e pelo seu posicionamento no campo do marxismo. Proveniente da tradição uspiana, Schwarz realiza de modo fecundo a síntese entre uma posição marxista (via Lukács, Adorno e Benjamin, sobretudo) e a referência a Antonio Candido.

Em relação a Candido, cabe destacar que sua importante teoria foi construída a partir de diversas referências (entre elas, por certo, o marxismo). Com isso não queremos – e nem poderíamos, não importa quão colossal nosso esforço – reduzir a importância desse pensador que literalmente fez escola dentro da teoria, história e crítica literárias no Brasil. Justamente no sentido de concordar com a importância da contribuição de Candido ao debate, elegemos

Roberto Schwarz como autor central a conduzir nossa investigação. Partindo de Candido e, também, apoiando-se em autores de extração marxista, que à época em que Candido desenvolveu sua fundação teórica pouco eram estudados e discutidos nos meios internacionais (questão a que voltaremos mais adiante), Schwarz supera essas visões no sentido dialético, colocando o debate num patamar distinto, valendo-se do que há de melhor nas duas concepções para formular sua própria. Soma-se, ainda, a essas referências uma outra no que diz respeito a interpretação do desenvolvimento da sociedade brasileira, notadamente aquela desenvolvida no “Grupo do Capital” ou “Seminário Marx”, sobretudo por Fernando Henrique Cardoso e Fernando Novais. Assim fecha-se a tríade que orienta a constituição de sua interpretação sobre o desenvolvimento da literatura e da sociedade no Brasil, como o próprio Schwarz (2000b, p. 13) anuncia no prefácio de **Um mestre na periferia do capitalismo**.

Apesar da determinação das influências e inspirações teóricas da dupla brasileira abordada nessa pesquisa, optamos por dispensar uma análise mais aprofundada à obra de Lukács e Adorno, optando por centrarmos-nos nas obras de Coutinho e de Schwarz, até para podermos precisar de que forma incorporam e reprocessam as ideias e concepções daqueles autores. Posto que, pelo reconhecimento e originalidade dos brasileiros estudados – desnecessário dizer, mas vá lá, Lukács e Adorno não analisaram a literatura brasileira e a realidade social de onde ela se origina e a qual se vincula –, reconhece-se sem grande dificuldade que suas obras não são uma mera cópia ou reprodução das teorias lukacsiana e adorniana, mas uma síntese *sui generis* que se processa a partir de um misto de referências – que procuramos indicar –, avaliamos ser mais proveitoso o trato rigoroso de seus textos que uma exegese pouco produtiva da obra dos referidos expoentes do marxismo ocidental (que, no entanto, não ignoramos).

Porém, conforme a pesquisa prosseguia, novas inquietações se somaram à original, pois o seguinte questionamento ia tomando forma: e se os diferentes resultados alcançados por Coutinho e Schwarz, que partem do mesmo referencial teórico, apontam para além da escolha excludente entre duas alternativas, mas de um imperativo da necessidade de uma compreensão mais matizada de nosso processo histórico? Questão polêmica, ainda mais no campo do marxismo, cuja animosidade se manifesta, muitas vezes, de forma mais intensa no interior do campo teórico do que fora dele. Mas valia o risco – ou assim acreditávamos à época.

O Brasil era (e ainda é?) simultaneamente moderno e arcaico e a síntese que se processa dessa duplicidade que constituiu o seu ser é a realidade que vimos (e vemos) diante de nós. Desde a Colônia e dos esforços “civilizatórios” por parte dos ibéricos, o continente

americano vincula-se à dinâmica do mercado mundial capitalista. A barbárie da escravidão moderna não excluía a moderna civilização burguesa – ao contrário, a pressupunha. É o que afirma Octávio Ianni (1978, p. 4-6), quando constata que “[...] o mesmo processo de acumulação primitiva, que na Inglaterra estava criando algumas condições histórico-estruturais básicas para a formação do capitalismo industrial, produzia no Novo Mundo a escravatura, aberta ou disfarçada.” E, por consequência, “[...] o escravo, negro ou mulato, índio ou mestiço, esteve na origem do operário.”

Logo, quando pensamos no processo pelo qual o Brasil converteu-se, para bem e para mal, em nação moderna, reportamo-nos a um processo extremamente complexo e matizado. Essa dificuldade impunha-se a todo intelectual, esteja ele munido de recursos abstratos-teóricos ou artístico-figurativos, que se colocava a tarefa de refletir sobre a sociedade brasileira. Não se espanta, portanto, que, partindo recortes distintos, esses intelectuais explorassem aspectos distintos, chegando a resultados idem – que, no entanto, reportavam-se ao mesmo processo histórico. As diferenças nos resultados alcançados usualmente se davam, também, pela diferença do enfoque teórico (ou artístico, pressupondo novas temáticas e técnicas). É claro que, mesmo dentro de um mesmo campo teórico, há possibilidade de se desenvolverem análises que chegam a resultados destoantes. Pensemos no campo específico do marxismo. Dentro desse campo, considerando, ainda, o marxismo como sendo uma filosofia da práxis (que pressupõe a compreensão como uma etapa necessária para a transformação da realidade social, como sintetizado na 11ª das Teses *ad* Feuerbach), quando vislumbramos diferenças interpretativas, usualmente estas resultam em diferentes táticas e procedimentos para a intervenção ativa na realidade, diferentes projetos políticos de transformação da sociedade. Ainda que a conversão entre teoria e prática, reflexão a intervenção política, não seja mecânica, ela existe e não faz sentido ignorá-la. Porém, **partimos do entendimento de que, se as teorias sociais formadas a partir da atuação crítica de Coutinho e Schwarz não se excluem, uma possível síntese que se processe a partir de ambas**, se é que ela é possível – no que acreditamos e procuramos demonstrá-lo ao longo do presente trabalho –, **oferece-nos uma compreensão mais complexa e matizada da realidade social** sobre a qual pretende-se atuar. Reforce-se que esse procedimento pressupõe um contorno aos procedimentos da lógica formal, por objetivar, a partir das contribuições de Coutinho e Schwarz, uma compreensão dialética do processo social brasileiro.

Mas centremos nossa atenção na literatura por um momento. Machado de Assis escreve no período do Império, mais especificamente do Segundo Reinado. Por meio de sua atividade intelectual, o escritor fluminense fornece-nos a possibilidade de atingir maior grau

de compreensão sobre o seu processo histórico, captando, usualmente, determinações e características que extrapolam o presente imediato, remontando a mecanismos cuja constituição é anterior e, ainda, a processos cujos desdobramentos e desenvolvimentos apontam para o futuro ainda não concretizado. Atuando em outro período, as primeiras décadas do Brasil republicano, Lima Barreto, valendo-se de outros meios artísticos, apresenta ao leitor a possibilidade de alcançar compreensão da sociedade. De modo que a realidade brasileira testemunhada por Barreto é distinta daquela vivenciada por Machado. Sua leitura conjunta enriquece, por permitir ao leitor uma compreensão mais ampla – por tratar de uma matéria social distinta – e também mais profunda – por tratar de questões que, por certo, atravessam os dois períodos, mas por meio de óticas distintas. Os dois escritores, portanto, não se excluem; ao contrário, completam-se. Frisando que estamos tratando de dois grandes escritores.

No campo da ciência as coisas funcionam de forma distinta. Se no campo da arte, uma nova obra não supera a antiga, pois tratam de momentos distintos e/ou dando ênfase a outros processos (a *Divina comédia* não supera a *Iliada*, da mesma forma que Tolstói não supera Dostoiévski – ainda que sempre seja possível a discussão sobre qual autor nos permite “ver” mais longe), no campo científico não é raro que uma teoria tenha sua validade questionada (a teoria da seleção natural de Darwin supera as teorias espontaneístas e criacionistas, da mesma forma que o modelo celeste ptolomaico é superado pelo modelo copernicano e, em chave mais polêmica, a teoria social de Marx supera a de seus predecessores – desnecessário acrescentar que isso não inviabiliza que outros autores possam ter ricas contribuições ao campo, inclusive, em alguns casos, mais significativas que as de Marx).

Mas, no nosso caso, estamos lidando com duas teorias situadas dentro do mesmo campo teórico. As diferenças mais significativas entre ambas não se explicam pela via habitual, mas por divergências sobre a avaliação, e conseqüente atuação, da e na realidade social. Lembremos, ainda, que o substrato teórico que embasa a visão de mundo marxista é a dialética hegeliana, segundo a qual o real processa-se por meio de sucessivos movimentos de negação e síntese – numa palavra, a realidade é contraditória. A isso, acrescenta-se a possibilidade de que as diferenças teóricas entre Coutinho e Schwarz possam iluminar-se a partir da ênfase dada por um ou outro a aspectos que pressuponham **continuidade** ou **descontinuidade** entre o desenvolvimento capitalista brasileiro e o europeu (acresce-se, ainda, a possibilidade de que esse mesmo procedimento também se manifeste no texto literário e os elementos a partir dos quais pretendemos construir nossa argumentação já estão todos lançados).



Do ponto de vista da estruturação deste trabalho, visando dar conta do que foi proposto, iniciamos por uma discussão mais ampla sobre marxismo e cultura, buscando situar a posição da discussão da cultura no âmbito do marxismo como um elemento de oposição sistemática às vertentes do marxismo oficial que tendiam a considerar a cultura e seus fenômenos como secundários e já avançando na tarefa de situar os movimentos intelectuais mais amplos que permitiram o surgimento das reflexões de Coutinho e de Schwarz. Num segundo e terceiro momentos, pretendemos traçar perfis fidedignos das teorizações de Coutinho e Schwarz, bem como lançar os principais elementos de sua interpretação sobre a literatura e a sociedade locais. E, por fim, esboçamos a referida tentativa de síntese provisória entre as duas concepções teóricas subjacentes aos autores estudados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do presente trabalho procurou-se identificar, na análise da textualidade das propostas teóricas de Roberto Schwarz e Carlos Nelson Coutinho. Ainda que tratem de objetos distintos – sobretudo Machado de Assis, no caso de Schwarz e Lima Barreto e Graciliano Ramos, centralmente, no caso de Coutinho – ambos remetem-se à realidade histórica brasileira. Por isso, julgamos ser proveitosa a análise em paralelo dos dois autores, que simbolizam diferentes vertentes do pensamento marxista, respectivamente: o marxismo acadêmico e o marxismo pecebista renovado, que ainda persistem, enraizados no âmbito da discussão do marxismo brasileiro, como dois momentos privilegiados do acúmulo teórico possibilidade por essa vertente teórica no país.

Acresce-se que, como poder-se-ia esperar no caso de interpretações distintas de uma mesma tradição intelectual, os dois autores chegam a resultados teóricos distintos. Porém, na contramão da interpretação usual, da irreconciliabilidade das vertentes derivadas a partir da matriz marxiana, identificamos não só como possível, mas antes como necessário, que se estabeleça um diálogo entre as duas vertentes.

É de Coutinho que parte a iniciativa no sentido da busca por um chão comum entre as duas vertentes, quando o filósofo baiano propõe que, com a virada do século XIX para o XX, o Brasil gradativamente estaria se alinhando às grandes economias industriais do mundo, de modo que mesmo as ideologias mais recentes, produzidas nesses países, agora poderiam ser rapidamente aclimatadas em solo nacional, não mais como ideias vistas com desconfiança pelo caráter postiço, mas correspondendo à realidade social cada vez mais normatizada em termos globais. Em suma, as ideias estariam, gradativamente, “entrando no lugar”.

Apesar de não endereçar diretamente a essa proposta de leitura, Schwarz não parece indicar concordância, pois reafirma em diversas oportunidades que o esquema das ideias fora do lugar ainda está em vigência no país. Não há processo de modernização possível aos países ex-colônias – mesmo que no modelo “prussiano”, “passivo” ou “conservador”. A modernidade periférica, com todas suas consequências deletérias, é a nossa difícil realidade.

Nossa proposta de leitura da questão – e do processo histórico brasileiro – diverge daquelas encampadas por ambos os autores. Em nosso entendimento, ao privilegiar-se um ou outro aspecto, quais sejam, da modernização conservadora ou da modernidade periférica, deixa escapar a complexidade da questão. Ambas teorias são sólidas no sentido que nos fornecem compreensões extremamente sólidas e complexas do processo histórico brasileiro, mas isso não inviabiliza que se busque a constituição de uma concepção mais ampla, que

abrigue dialeticamente ambas as perspectivas, em busca da compreensão da modernização conservadora-periférica brasileira.

A própria ideia de buscar uma síntese complementar em leituras paralelas de um mesmo processo mais amplo e complexo não é estranha à generosidade intelectual de Coutinho e Schwarz, de modo que afastamos a possibilidade de nossa proposta ser considerada uma espécie de despropósito. Do primeiro, basta pensarmos o subitem “De como as ideias entram no lugar”, onde busca, humildemente considerando o acerto da interpretação de Schwarz do romance machadiano em específico e do romance brasileiro do final do XIX em geral, “encaixar” no esquema schwarziano a sua interpretação a obra de Lima Barreto. Também Schwarz, em uma entrevista, expressa, para além dos revanchismos, infelizmente frequentes no campo do marxismo, a necessária complementaridade entre a obra de três importantes pensadores marxistas da arte e da literatura do século XX: Benjamin, Lukács e Adorno. Após reconhecer a grande influência de Lukács em sua obra, a quem considera o maior crítico do romance europeu até o advento da literatura moderna, Schwarz (BRANDÃO; LOUZADA FILHO, 1979) faz a seguinte observação:

Por outro lado, há aí uma questão. Claro que essas oposições entre Lukács, Benjamim e Adorno existem e têm fundamento político. Mas até onde eu vejo, o mais interessante é perceber a complementaridade entre eles. Porque na verdade, são três grandes assuntos do marxismo tratados pelos seus três críticos expoentes mais consideráveis. Na minha opinião, o Lukács faz uma análise literária centrada fundamentalmente na história da luta de classes no plano da ideologia. O Benjamim procura estudar a questão do desenvolvimento das forças produtivas em relação às categorias da estética. E o Adorno toma a arte como uma espécie de história da alienação. São os três grandes temas: luta de classes, desenvolvimento das forças produtivas e alienação. E cada um desses três teóricos procurou construir uma estética sobre um desses aspectos. Penso que, sem forçar demais a mão, eles poderiam ser integrados.

E, de volta à literatura, acresce-se que a constituição de uma teoria do Brasil que busque incorporar de forma dialética a complexidade de nosso processo social poderá, certamente, trazer resultados igualmente positivos para a discussão literária. Uma tal teoria poderia explicar e acomodar de forma uma autores tão diversos entre si como Machado de Assis e Lima Barreto, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos, etc., sem forçar-nos a escolhermos entre uma corrente artística ou outra aquela que se adéqua melhor às nossas concepções ídeo-políticas.

Se, então, admitimos que as análises empreendidas por Coutinho e Schwarz estão corretas e, portanto, são verdadeiras (ajudando-nos a compreender o processo histórico

brasileiro em toda sua complexidade), faz-se necessária uma consideração sobre o chão que fundamenta suas análises: **a particularidade do desenvolvimento histórico do Brasil**. Essa análise integrativa, que ainda está por ser feita, que incorpore as contribuições de Schwarz, Coutinho e possivelmente muitos outros pensadores, seria não só produtiva, como imperativa, visando, com isso, o desenvolvimento progressivo de uma teoria em movimento, pois a realidade é ela mesma eterna mudança. Como resultado, enfim, ter-se-ia uma teoria em perseguição ativa às peculiaridades do processo social brasileiro.

## Referências

- ADORNO, T. W. **Prismas: crítica cultural e sociedade**. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. Lukacs y el equívoco del realismo. In: Vv. Aa. **Realismo: ¿mito, doctrina o tendencia histórica?** Buenos Aires: Lunaria, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.
- ANDERSON, P. **Considerações sobre o marxismo ocidental**. Porto: Afrontamento, 1976.
- ARANTES, P. **Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira: dialética e dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. Sobre a noção de ideologia (entrevista). Disponível em: [http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Arantes,%20Paulo/\(Adoramos.Ler\)%20Paulo%20Arantes%20-%20Sobre%20a%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20ideologia%20\(Marx%20-%20Filosofia%20-%20Adorno\).pdf](http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Arantes,%20Paulo/(Adoramos.Ler)%20Paulo%20Arantes%20-%20Sobre%20a%20no%C3%A7%C3%A3o%20de%20ideologia%20(Marx%20-%20Filosofia%20-%20Adorno).pdf). Acesso em 01/07/2017.
- ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf>. Acesso em 01/07/2017.
- BOTELHO, A. SCHWARCZ. Ao vencedor as batatas 30 anos: crítica da cultura e do processo social. **RBCS**, v. 23, n. 67, p. 147-160, jun, 2008.
- BRANDÃO, G. M. LOUZADA FILHO, O. C. Entrevista com Roberto Schwarz. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, nº 15, set, 1979.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2008.
- \_\_\_\_\_. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)**. 12 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.
- CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CHACON, V. A descoberta de Lukács no Brasil. **Revista Brasileira de Filosofia**, São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, v. 40, n. 168, p. 416-422, out./dez. 1992.
- CORREDOR, E. L. Entrevista com Roberto Schwarz. **Literatura e sociedade**, São Paulo, EDUSP, n. 6, p. 14- 37, 2001-2002.
- COUTINHO, C. N. et al. **Realismo & anti-realismo na literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 1-56.
- \_\_\_\_\_. **Lukács, Proust e Kafka: literatura e sociedade no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- \_\_\_\_\_. Derrota e revanche da dialética. In: KONDER, L. **A derrota da dialética: a**

recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 7-16.

\_\_\_\_\_. **Cultura e sociedade no Brasil**: ensaios sobre ideais e formas. 4 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. KONDER, L. Correspondência com Lukács. In: PINASSI, M. O. LESSA, S. **Lukács e a atualidade do marxismo**. São Paulo, Boitempo, 2002. p. 133-155.

FERNANDES, F. **Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina**. 4 ed. São Paulo: Global, 2009.

FREDERICO, C. Presença de Lukács na Política Cultural do PCB e na Universidade. In: MORAES, J. Q. (org.) **História do marxismo no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1995. v. 2: Os influxos teóricos. p. 187-227.

\_\_\_\_\_. A política cultural dos comunistas. In: MORAES, J. Q. (org.) **História do marxismo no Brasil**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2007. v. 3.: Teorias. Interpretações. p. 337-370.

GIANNOTTI, J. A. Recepções de Marx. **Novos Estudos CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP, n. 50, p. 115-124, mar. 1998.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

GORENDER, J. Entrevista. **Margem Esquerda**, São Paulo: Boitempo, n. 9, p. 13-23, 2007.

HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

INMAN, P. Brazil's economy overtakes UK to become world's sixth largest. **The Guardian**, 6 de março de 2012. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/business/2012/mar/06/brazil-economy-worlds-sixth-largest>>. Acesso em 01/07/2017.

IANNI, O. **Escravidão e racismo**. São Paulo: Hucitec, 1978.

JUSTUS, P. Brasil é a sexta maior economia do mundo. **O Globo**, 6 de março de 2012. Disponível: <<https://oglobo.globo.com/economia/brasil-a-sexta-maior-economia-do-mundo-4233033>>. Acesso em 01/07/2017.

KONDER, L. **A democracia e os comunistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

\_\_\_\_\_. Carlos Nelson Coutinho (Nascido em 1943). In: \_\_\_\_\_. **Intelectuais brasileiros & marxismo**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991. p. 117-124.

\_\_\_\_\_. **A derrota da dialética**: a recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos 30. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KORSCH, K. **Marxismo e filosofia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

LENIN, V. I. U. **O programa agrário da Social-Democracia na Primeira Revolução Russa de 1905-1907**. São Paulo: Ciências Humanas, 1980. (Coleção História e Política).

LUKÁCS, G. **Solzhenitsyn**. London: Merlin Press, 1970.

\_\_\_\_\_. **Realismo crítico hoje**. 2 ed. Brasília: Thesaurus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento vivido**: autobiografia em diálogo. São Paulo: Ad Hominem; Viçosa: UFV, 1999.

\_\_\_\_\_. **Arte e sociedade**: escritos estéticos 1932-1967. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. (Pensamento Crítico).

\_\_\_\_\_. **O romance histórico**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MACEDO, J. M. M. de. Pós-fácio. In: LUKÁCS, G. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. p. 163-224.

MARX, K. ENGELS, F. **Cultura, arte e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

\_\_\_\_\_. Introdução à crítica da economia política. In: \_\_\_\_\_. **Grundrisse**: manuscritos econômicos de 1857-1858. São Paulo/Rio de Janeiro: Boitempo/UFRJ, 2011. p. 39-64.

\_\_\_\_\_. **O capital**: crítica de economia política. Livro I: o processo de produção do capital [E-book]. Trad. de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MASSUIA, R. R. **Marxismo e literatura**: a recepção do pensamento de György Lukács em Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **As aventuras da dialética**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTEIRO, A. C. A crítica sociológica da literatura. **Revista Brasiliense**, São Paulo, Brasiliense, n. 45, p. 38-51, 1963.

MORAES, D. de. Democratização da cultura depende do controle social sobre a mídia (Entrevista com Carlos Nelson Coutinho). **Ciberlegenda**. Rio de Janeiro, n. 4, p.1-10. 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista> . Acesso em: 30 de março de 2016.

NETTO, J. P. Um livro que resistiu à passagem do tempo. In: KONDER, L. **Marxismo e alienação**: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

\_\_\_\_\_. Pós-fácio. In: COUTINHO, C. N. **O estruturalismo e a miséria da razão**. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 233-286.

\_\_\_\_\_. Breve nota sobre um marxismo convicto e confesso. In: BRAZ, M. (org.) **Carlos Nelson Coutinho e a renovação do marxismo no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

OEHLER, D. **Quadros Parisienses: estética antiburguesa 1830-1848**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **O velho mundo desce aos infernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLDRINI, G. Gramsci e Lukács, adversários do marxismo da Segunda Internacional. **Crítica marxista**, São Paulo, n. 8, p.67-80, jun. 1999.

OTSUKA, E. T. Literatura e sociedade hoje. **Literatura e sociedade**. São Paulo: EDUSP, nº 12, p. 104-115, 2009.

ROUANET, S. P. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SAID, E. W. **Reflexões sobre o exílio: e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCHWARZ, R. As ideias fora do lugar. **Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 3, p. 150-161, jan. 1973.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis: um debate – Conversa com Roberto Schwarz. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 29, mar, p. 59-84; 1991.

\_\_\_\_\_. **Sequências brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. 5 ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000a. (Coleção Espírito Crítico)

\_\_\_\_\_. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 4 ed. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Que horas são? Ensaios**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Entrevista. In: MONTERO, P. MOURA, F. (orgs.) **Retrato de grupo: 40 anos do CEBRAP**. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 224-245.

\_\_\_\_\_. **Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. Sobre a literatura de Marx no Brasil. In: \_\_\_\_\_. et all. **Nós que amávamos tanto O Capital: leituras de Marx no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2017. p. 17-26.

SEGATTO, J. A. **Breve história do PCB**. 2 ed. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1989.

\_\_\_\_\_. A presença de Gramsci na política brasileira. In: AGGIO, A. (org.) **Gramsci: a vitalidade de um pensamento**. São Paulo: Unesp, 1998. p. 177-184.



\_\_\_\_\_. O PCB e a revolução nacional-democrática. In: MAZZEO, A. C. LAGOVA, M. I. (orgs.) **Corações vermelhos: os comunistas brasileiros do século XX**. São Paulo: Cortez, 2003.

\_\_\_\_\_. **Reforma e revolução: as vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

\_\_\_\_\_. LEONEL, M. C. **Ficção e ensaio: literatura e história no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2012.

TERTULIAN, N. Lukács e o stalinismo. **Verinotio**: Revista on-line de Educação e Ciências Humanas, n. 7, p. 1-40, nov. 2007. Disponível em: <<http://www.verinotio.org/conteudo/0.65943372031621.pdf>>. Acesso em: 15 janeiro 2013.

TROTSKI, L. **A história da revolução russa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. v. 1 (A queda do tzarismo).

WAIZBORT, L. **A passagem do três ao um: crítica literária, sociologia, filologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

WATT, I. **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. São Paulo: Companhia dos Livros, 2010.